

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS

GISELE ISABEL KINCHESKI

**EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS ESTUDANTES FEMININAS NO CURSO
DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

FLORIANÓPOLIS
2003

GISELE ISABEL KINCHESKI

**EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS ESTUDANTES FEMININAS NO CURSO
DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

Trabalho monográfico apresentado para a
obtenção do título de Bacharel em
Ciências Contábeis, pela Universidade
Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Flávio da Cruz, MSc.

Florianópolis
2003

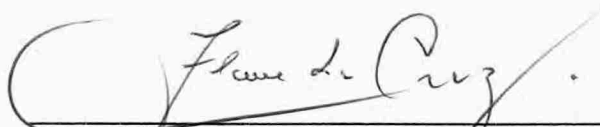
GISELE ISABEL KINCHESKI

**EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO CURSO DE CIÊNCIAS
CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Este trabalho foi julgado adequado para a obtenção do título requerido e, portanto, aprovado em sua forma final, obtendo a nota de 8,50, atribuída pela banca constituída pelo orientador e membros abaixo mencionados.

Compuseram a banca:



Prof. Orientador **Flávio da Cruz, MSc.**
Departamento de Ciências Contábeis - USFC

Nota atribuída ...8,23.....



Prof.^a **Bernadete Pasold, Dra.**
Departamento de Ciências Contábeis - USFC


Nota atribuída ...8,64.....



Prof.^a **Sandra Rolim Ensslin, Dra.**
Departamento de Ciências Contábeis - USFC

Nota atribuída ...8,56.....

Florianópolis, 24 de junho de 2003.



Prof. Luiz Felipe Ferreira.
Coordenador de Monografia - UFSC

Para a minha família

***Pelos dias de cuidado e carinho,
dando-me força e afeto, nos momentos de “mau humor”...***

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha amada **mãe Marli** que sempre foi um exemplo de mulher, amiga, mãe e honestidade.

Agradeço ao meu **pai Tadeu** por ter me feito entender que todos somos humanos e devemos entender as dificuldades e características pessoais de cada um.

Agradeço a meus **irmãos Grasielle e Tadeu** pelas risadas, afetos, desavenças, e todos os anos que passamos juntos.

Agradeço ao **Kleber**, meu namorado, meu amigo, meu parceiro, por todos os dias que entendeu meu mau humor porque estava lotada de coisas para fazer e que me deu carona todos os dias em que acordei atrasada para ir para a aula.

Agradeço ao meu Orientador, Professor **Flávio da Cruz**, por ajudar no desenvolvimento da monografia. Agradeço a todos os meus **professores**, por todo o conhecimento transmitido no decorrer das aulas.

Agradeço a todos os meus **colegas de curso**, em especial ao **Éder**, à **Jú**, e ao **Joel** por toda a força e alegria de tê-los como amigos.

Finalmente, quero agradecer a todas aquelas pessoas que, apesar de não serem citadas aqui, estão no meu coração e que de alguma forma contribuíram para a minha existência até os dias de hoje.

***“Fazemos parte de um mundo em
que tudo é transitório, mutável e
passível de transformação”***

Antônio Roberto Soares
Presidente da “Desenvolvimento Humano Ltda”.

RESUMO

A presença feminina nas mais diversas áreas da sociedade humana é muito significativa, tanto nos seus aspectos quantitativos, como nos qualitativos. E isto não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo. É consensual que a representatividade feminina tem aumentado gradativamente nas últimas décadas, e que tal processo tenha se acelerado, especialmente nos últimos anos. O presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento de dados históricos de forma que permita observar a evolução da participação estudantil feminina no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentam-se, sucintamente, alguns aspectos da mulher na sociedade, assim com um rápido histórico da contabilidade mundial e nacional, do curso de ciências contábeis da mencionada Universidade, assim como alguns dados do perfil da mulher contabilista. Desenvolve-se, assim, uma pesquisa baseada em dados estatísticos sobre o ingresso e egresso de estudantes do curso, assim como dados históricos de fatores macroeconômicos relevantes para este estudo. Finalmente, constata-se na atualidade uma superioridade numérica de estudantes femininas no curso, o que permite instigar a desenvolver futuras pesquisas visando à construção do perfil do profissional contábil do século XXI.

Palavras-Chave: Profissão Contábil, Perfil do Profissional Contábil, Participação Feminina.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Grade Curricular Curso do Comércio “Instituto Polytechnico de Florianópolis”	32
Quadro 2 - Grade Curricular Curso de Ciências Comerciais “Instituto Polytechnico de Florianópolis”	33
Quadro 3 - Grade Curricular Curso de Ciências Jurídico-Comerciais “Instituto Polytechnico de Florianópolis”	33
Quadro 4 - Grade Curricular do Curso de Contabilidade da UFSC (1965)	36
Quadro 5 - Grade Curricular do Curso de Ciências Contábeis da UFSC (1994)	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Adaptado Proporção de Contabilistas por Gênero - 1996	38
Gráfico 2 – Adaptado Relação de Salários de Contabilistas por Gênero.....	39
Gráfico 3 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 70	44
Gráfico 4 - Proporção de Contabilistas por Gênero - 1970.....	45
Gráfico 5 - Proporção de egressos do curso por gênero – Anos 70.....	46
Gráfico 6 - Comparação histórica dos egressos do curso por gênero - Anos 70.....	47
Gráfico 7 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 80.....	50
Gráfico 8 - Comparação histórica dos egressos do curso por gênero - Anos 80.....	51
Gráfico 9 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 90.....	55
Gráfico 10 - Comparação histórica dos egressos no curso por gênero – Anos 90	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Ingressos no curso por gênero - Anos 70	43
Tabela 2 - Egressos do curso por gênero - Anos 70	46
Tabela 3- Ingressos no curso por gênero - Anos 80	49
Tabela 4 - Egressos do curso por gênero - Anos 80	51
Tabela 5- Ingressos no curso por gênero - Anos 90	54
Tabela 6 - Egressos do curso por gênero - Anos 90	56
Tabela 7- Ingressos no curso por gênero - Anos 2000-2002	58
Tabela 8 - Egressos do curso por gênero - Anos 2000-2002	58

LISTA DE ABREVIATURAS

CACIC	Centro Acadêmico de Contabilidade
CFC	Conselho Federal de Contabilidade
CRCSC	Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NPD	Núcleo de Processamento de Processamento de Dados
PREG	Pró-Reitoria de Ensino e Graduação
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios
SEI	Secretaria Extraordinária da Informação
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

RESUMO	6
LISTA DE QUADROS	7
LISTA DE GRÁFICOS	8
LISTA DE TABELAS	9
LISTA DE ABREVIATURAS	10
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Tema	12
1.2 Problema	13
1.3 Objetivos	14
1.4 Justificativa do estudo.....	14
1.5 Metodologia da pesquisa.....	16
1.6 Organização do trabalho	19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
2.1 Breve Histórico da Mulher na Sociedade	20
2.2 A Contabilidade no Mundo	24
2.3 A Contabilidade no Brasil	27
2.4 O Início das Escolas de Contabilidade em Florianópolis.	31
2.5 O Curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Santa Catarina.	35
2.6 Perfil da Mulher Contabilista	38
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	41
3.1 Coleta dos dados.....	41
3.2 Tratamento dos dados	42
3.3 Análise dos dados	43
3.3.1. Década de 70	43
3.3.2. Década de 80	47
3.3.3. Década de 90	53
3.3.4. Período de 2000 a 2002.....	57
4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	59
REFERENCIAS.....	62

1 INTRODUÇÃO

Neste item, expõe-se o tema, identificando a problemática que define os objetivos deste estudo. Evidencia-se, também, a importância da pesquisa baseada nas suas justificativas, assim como a metodologia de pesquisa utilizada para alcançar tais objetivos para, em seguida, mostrar como esta monografia está estruturada.

1.1 Tema

A presença feminina nas mais diversas áreas da sociedade humana é muito significativa, tanto nos seus aspectos quantitativos, como nos qualitativos. E isto não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo.

É consensual que a representatividade feminina tem aumentado gradativamente nas últimas décadas, e tal processo tenha se acelerado, especialmente nos últimos anos.

O século XX mostrou-se especialmente potencializador de mudanças que impactaram todos os aspectos da vida humana. A presença feminina na sociedade não fica alheia a tais eventos e suas conseqüências, já que aquela também é decorrente de tais fenômenos sociais.

As mudanças demográficas, socioeconômicas e culturais sofridas pela sociedade brasileira nas últimas três décadas, 70, 80 e 90, repercutiram intensamente na vida das mulheres e na sua inserção nesse contexto.

No mundo acadêmico, assim como no profissional, não tem sido diferente, tendo em vista que o aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho contribui para o crescimento do número destas na procura de capacitação, formação e/ou aperfeiçoamento, visando maior empregabilidade.

Desta maneira, a histórica desigualdade social dos gêneros vem sendo minimizada paulatinamente. Assim, o aumento da instrução e dos níveis de escolaridade das mulheres é, simultaneamente, causa e efeito dessa transformação.

A configuração das profissões também mudou, sendo que o elemento feminino tem contribuído grandemente na formação desse novo perfil. A profissão contábil e os cursos de Ciências Contábeis refletem essa realidade, através da evolução percentual da participação feminina.

Dentre os 10 melhores cursos de graduação em Ciências Contábeis do Brasil, encontra-se o da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Podendo ser este um caso representativo da realidade antes exposta, é passível de observação com base metodológica para analisar tal fenômeno.

1.2 Problema

Neste sentido, elaborou-se a seguinte questão-problema: **Como tem sido a evolução, em quantidade, da participação feminina estudantil no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina?**

1.3 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é verificar a evolução da participação das estudantes mulheres no curso de ciências contábeis da universidade Federal de Santa Catarina.

Para alcançar tal objetivo, foram estabelecidos objetivos específicos, listados a seguir:

- Contextualizar a figura e papel da mulher na sociedade e, principalmente, nos ambientes mencionados;
- Apresentar os antecedentes históricos da contabilidade, da profissão contábil e do ambiente acadêmico nos âmbitos mundial, nacional e estadual;
- Apresentar os antecedentes históricos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina;
- Apresentar alguns fatores sociais que explicam a procura das mulheres pela formação como contabilistas no âmbito nacional;
- Apresentar dados estatísticos que relacionem a evolução da participação da mulher no mercado de trabalho com o nível de busca por maior instrução;
- Apresentar os dados obtidos e comparação entre os mesmos.

1.4 Justificativa do estudo

De acordo com dados do censo demográfico de 2000, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para cada 100 mulheres

existem 96,93 homens. Em números absolutos havia, naquela data, 2.647.140 mulheres a mais do que homens no País.

Essa estatística repete-se constantemente através da história nacional, revelada em censos anteriores. Como uma das causas desse fenômeno poderia apontar-se a diferença, em favor do sexo feminino, dos seus índices de mortalidade.

Dados adicionais apontam para a diminuição dos índices nacionais de natalidade, o que denota a diminuição na função feminina de procriação, devido, provavelmente, entre outros fatores, ao aumento do custo de vida.

O número de mulheres responsáveis pela família no país também cresceu. O Sudeste é a região que apresenta maior proporção de domicílios cuja pessoa de referência é do sexo feminino.

Os domicílios com responsáveis do sexo feminino podem ser considerados um fenômeno tipicamente urbano, pois, segundo o IBGE, 91,4% dos domicílios que têm como responsáveis mulheres encontram-se na área urbana, enquanto apenas 8,6% deles, estão dentro dos limites rurais.

Dos 91,4% dos domicílios representados por mulheres na área urbana, 17,9% é constituído por mulheres com domicílios unipessoais, ou seja, apenas uma mulher morando no domicílio. Esse valor, pela sua relevância percentual, contribui para evidenciar a independência feminina, tanto social como econômica.

Os cursos de graduação também apresentam dados significativos sobre a participação da mulher nesse contexto. Especificamente na Universidade Federal de Santa Catarina, observa-se um número expressivo de mulheres atuando como estudantes, professoras e funcionárias, sendo que, segundo dados do Núcleo de

Processamento de Dados, há, regularmente matriculados, 9.657 estudantes mulheres e 10.917 homens no primeiro semestre de 2003.

A partir de informações como as aqui apresentadas, pode se proceder ao levantamento de dados históricos que permitam visualizar aquela participação e correlacionar seus fatores entre si, como forma de entender a proporção e os impactos de tal crescimento.

A importância cada vez maior da representatividade feminina na sociedade justifica a observação de eventos, procurando identificar padrões e/ou tendências, que permitam isolar variáveis e fatores de causa e efeito, assim como de posteriores análises mais aprofundadas sobre tais fenômenos, o que pode contribuir na construção de estratégias para a formulação do novo perfil da profissão.

1.5 Metodologia da pesquisa

Pádua (1998, p.147) afirma que a pesquisa “é uma atividade voltada para a solução de problemas, que se utiliza de um método para investigar e analisar estas soluções, buscando também algo ‘novo’ no processo do conhecimento”.

Neste sentido, segundo Barros e Lehfeld (1998, p.13), “a pesquisa é o esforço dirigido para a aquisição de um determinado conhecimento, que propicia a solução de problemas teóricos, práticos e/ou operativos, mesmo quando situados no dia-a-dia do homem”.

Segundo Pádua (1998, p.148), os trabalhos de conclusão de curso representam um desafio maior, tanto para orientandos como para orientadores, já que, além de buscar esse novo conhecimento conceitual ou técnico para a solução de problemas específicos, devem ter como objetivo “a formação de consciência

crítica, a iniciação à pesquisa como um espaço privilegiado para o crescimento intelectual do educando”.

Esta pesquisa caracteriza-se como sendo de natureza descritiva, segundo a descrição de Gil (1999, apud BEUREN, 2003, p.81), que a define como aquela que “tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. Uma das características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados”.

Andrade (2002, apud BEUREN, 2003, p.81) aponta que

a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los e o pesquisador não interfere neles. Assim, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador.

Quanto aos procedimentos, esta pesquisa pode ser classificada como documental, já que esta se baseia, como afirma Gil (1999, apud BEUREN, 2003, p.89) “em materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

Quanto à abordagem do problema, esta pode ser classificada como uma pesquisa quantitativa, já que Beuren (2003, p.92) afirma que tal abordagem “caracteriza-se pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta, quanto no tratamento dos dados”.

Neste trabalho não será formulada nenhuma hipótese, nem se realizará nenhum tipo de inferência, limitando-se a autora a apresentar conclusões baseadas na observação de dados contextualizados assim como de padrões e tendências, passíveis de serem identificadas empiricamente.

Os tipos de dados principalmente utilizados nesta pesquisa, como mencionado anteriormente, são do tipo documental, isto é, são dados na sua forma pura, sem nenhum tratamento analítico prévio.

A população ou universo da pesquisa são todos os estudantes do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina, do período de 1970 a 2002. Beuren (2003, p.118) define a população como “a totalidade de elementos distintos que possui certa paridade nas características definidas para determinado estudo”.

Como instrumentos de pesquisa, utilizou-se a entrevista não estruturada, segundo a classificação de Beuren (2003, p.133), a documentação de fontes primárias e a bibliografia de fontes secundárias.

A etapa mais decisiva da pesquisa é aquela relacionada à análise e interpretação dos dados, já que, com base nos dados anteriormente coletados, elaboram-se algumas observações e tecem-se comentários que facilitam a percepção das informações apresentadas. Portanto, a análise dos dados coletados apresenta-se sob a forma de análise documental.

O tipo de análise realizado é, basicamente uma análise descritiva, no conceito de Beuren (2003, p.139).

Para finalizar o trabalho, são apresentadas as conclusões da pesquisa, assim como também algumas sugestões de pesquisas futuras. Conforme Almeida (1992, p.89), a conclusão é “onde o autor apresenta, de forma clara e ordenada, as deduções advindas dos resultados do trabalho ou observadas ao longo da discussão do assunto”. Sendo assim, a conclusão é a análise final do estudo e do trabalho monográfico em si.

Pode se afirmar, portanto, que a metodologia de pesquisa, adotada proporciona ao trabalho as características necessárias para considerá-lo de natureza científica que, além do processo investigativo, culmina com a apresentação oral e escrita dos resultados em formato monográfico.

1.6 Organização do trabalho

Esta monografia está estruturada em quatro tópicos respectivamente identificados, de acordo com os diversos estágios da pesquisa.

No primeiro tópico são apresentados os seguintes itens na sua devida ordem: tema, problemática, objetivos, justificativa, metodologia científica adotada e estruturação do trabalho.

No segundo tópico correspondente à fundamentação teórica, abordam-se diversos aspectos históricos e antecedentes da Contabilidade, da Profissão Contábil, do Curso de Contabilidade na Universidade Federal de Santa Catarina e do elemento feminino no contexto desses itens.

O terceiro tópico apresenta a descrição e análise dos dados objeto da pesquisa. Discute-se, após apresentar a tabulação dos dados, alguns aspectos relevantes e significativos para futuras análises.

Finalmente, o quarto tópico contém as conclusões da pesquisa e algumas sugestões para futuros trabalhos sobre o assunto.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, inicialmente são apresentados alguns aspectos históricos da participação feminina na sociedade, listam-se antecedentes históricos da contabilidade no mundo, no Brasil, em Santa Catarina e na própria Universidade Federal de Santa Catarina, assim como algumas considerações preliminares sobre o perfil da mulher contabilista.

2.1 Breve Histórico da Mulher na Sociedade

Desde o início da civilização humana até nossos dias, a mulher sempre foi um elemento ativo na sociedade. A tentativa masculina de oprimir e anular a participação feminina ao longo da história da humanidade, só consegue fortalecer e incentivar o desejo feminino de superar os obstáculos impostos às mulheres.

Desde a antiguidade, conforme Aquino, Moura e Aieta (1985, p.56), a mulher participava do cultivo da terra, assim como da coleta de frutos e raízes comestíveis. Acredita-se também que, através de sua influência, começaram a existir as primeiras técnicas de agricultura e domesticação de animais.

Aquino, Moura e Aieta (1985, p.57) afirmam que a caça era uma atividade praticada pelos homens, sendo de periodicidade ocasional, enquanto que a coleta de frutos e raízes, atividade feminina, era mais regular, portanto mais constante e permanente.

Configura-se, assim, uma primitiva divisão do trabalho, sendo, talvez, a primeira da humanidade, onde não existiam hierarquias estabelecidas, constatando-

se que a importância do trabalho feminino e masculino era igual, embora o papel reprodutor da mulher merecesse destaque devido à importância dada ao crescimento do grupo para a consequente sobrevivência da espécie.

O papel da mulher naquela sociedade era importante devido à sua condição de criadora e transmissora de hábitos culturais e do conhecimento e experiência coletiva.

Segundo Aquino, Moura e Aieta (1985, p.60), as mulheres foram às artífices da passagem da humanidade do Paleolítico ao Neolítico, devido às suas atividades, que consistiam na prática da agricultura, domesticação de animais, fabricação de cerâmicas, fiação, tecelagem e medicina caseira, entre outras.

Na idade antiga, a sociedade grega, segundo Freeman (2001, p.32), as mulheres eram casadas pelas suas famílias aos 15 anos de idade, mas só eram consideradas plenamente integradas à nova família por ocasião do nascimento do primeiro filho. Freeman (2001, p.32) afirma que “a escola era unicamente para os meninos [...] Poucas meninas aprendiam a ler. A maioria aprendia unicamente a cuidar da casa”.

Em Roma antiga, igualmente, os meninos, a partir dos sete anos, iam à escola, enquanto que, segundo Haywood (2001, p.30), “as meninas eram educadas pelas mães, que lhes ensinavam os trabalhos domésticos”. Nessa sociedade, o divórcio era uma prática comum, e quando isso acontecia, as crianças ficavam sempre com o pai.

Com a queda do império romano, inicia-se o período pré-Feudal, durante o qual acontece a desorganização das instituições tradicionalmente hostis à emancipação feminina (Estado Centralizado, Cidades-Estado, Classe Média). Cria-

se, assim, um vazio institucional que vai sendo preenchido gradativamente pelas organizações tribais dos germanos e francos. Entre estes, as mulheres eram prestigiadas, havendo, grande número de sacerdotisas, profetizas e guerreiras. Conforme Aquino, Moura e Aieta (1995), a Idade Média ofereceu às mulheres maior oportunidade de atuação, tanto profissional, como educacionalmente.

Devido à constante atuação dos homens em guerras, as mulheres começaram a administrar os negócios da família. Também atuaram nas corporações de ofício, ainda que recebessem salários bem menores do que os homens. Já naquela época, observava-se a hostilidade masculina devido à concorrência no mercado de trabalho.

Segundo Aquino, Moura e Aieta (1985), no Renascimento a mulher atravessa um retrocesso e também sofre um afastamento da esfera pública. No mercado de trabalho, há uma redução da participação feminina em muitas profissões, que foram se tornando novamente domínios masculinos, fechando-se o acesso das mulheres às corporações de ofício. Nesse período, não foi eliminada totalmente a participação feminina, mas houve principalmente, uma desvalorização monetária do trabalho feminino. Ou seja, a mulher recebia menor remuneração comparada ao homem, não ocupava cargos de confiança e geralmente cumpria carga horária maior que a masculina.

Conforme Aquino, Moura e Aieta (1985), nessa época, freqüentemente, a produção científico-artística das mulheres de classe média era de propriedade dos homens da família: irmão, pai, marido. Esta injusta apropriação acontecia porque somente ao homem era dada a "glória" do pensamento e do desenvolvimento científico.

Evidencia-se assim, um processo de retrocesso na posição da mulher na sociedade renascentista, sendo ela afastada da esfera pública. Para que se pudesse, exclui-la do mercado do trabalho, segundo Aquino, Moura e Aieta (1985), emerge uma ideologia de desvalorização da mulher que trabalha, passando a vigorar a ética da “mulher em casa” e que vai ser ratificada por Lutero e outros pensadores da época.

Com a passagem da economia feudal para a industrial, grandes transformações se fazem presentes. Uma delas é de ordem familiar, na medida em que se dissolve a velha família patriarcal.

A família deixa de ser uma unidade econômica para se transformar em simples unidade de consumo. Homens, mulheres e crianças invadem as fábricas e as cidades, onde se amontoam em favelas, convivendo com a fome e a prostituição.

Muitas vezes, o pai, antes o *pater-familias*, gestor da autoridade, encontra-se desempregado e a sua autoridade passa a ser golpeada fortemente na raiz.

No trabalho, fora do meio familiar, muda também a atitude em relação à procriação. Antes, ter muitos filhos significava força de trabalho, agora são muitas bocas para alimentar. E a crise se complica ainda mais porque, apesar de terem mudado as condições históricas, persiste na nova realidade a velha mentalidade, com atitudes típicas de uma velha família patriarcal que acabou ou está para acabar.

A burguesia capitalista lança a mulher no trabalho industrial, criando uma nova situação favorável à igualdade da mulher, mas ao mesmo tempo procura manter ao máximo a ideologia da família patriarcal.

Na América do Sul, a situação da mulher tem passado por importantes transformações nas últimas décadas. Segundo Petter (1993), as razões que se

destacam para estas mudanças relacionam-se com o processo de desenvolvimento do capitalismo nos países latinos, com o surgimento e desenvolvimento de um movimento de influência feminista e também com a situação da mulher nos países capitalistas avançados.

Também Petter (1993), afirma que na América Latina o movimento Feminista surge entre os anos de 1958 e 1960, no bojo das crises estruturais, e em consequência da multiplicidade da vida cotidiana.

No Brasil, segundo Petter (1993), somente a partir da década de 70 as mulheres, através de movimentos sociais, começaram a busca por uma nova forma de sociedade menos discriminatória e machista, passou-se a discutir o papel da mulher e sua posição na sociedade e aconteceram os primeiros manifestos feministas.

A partir de 1979, começam a se organizar encontros de mulheres, palestras, seminários e congressos, com o objetivo de discutir o papel da mulher na sociedade e seus direitos. Nos dias de hoje, comumente através de páginas na rede mundial de computadores, encontra-se vários endereços eletrônicos de organizações voltadas aos interesses femininos.

2.2 A Contabilidade no Mundo

Quando o homem começou a atribuir valor às coisas, ou seja, começou a definir posse e territórios, a contabilidade deu os seus primeiros passos. Hendriksen e Breda (1999) chamam essa contabilidade de rudimentar, que era utilizada somente para o controle do patrimônio ou riqueza pessoal.

Na época do antigo Egito, segundo Hendriksen e Breda (1999), registros contábeis já eram realizados. Os arqueólogos crêem que as fichas de argila abundantes na Mesopotâmia eram usadas, de maneira similar, para fins contábeis.

Conforme Hendriksen e Breda (1999), os gregos, baseando-se em modelos egípcios, 2000 antes de Cristo já escrituravam contas de Custos e Receitas, procedendo anualmente a uma confrontação entre elas, para apuração de saldos.

Na Idade Média, segundo Amorim (1999, p.18), Frei Luca Pacioli escreveu o *Tractatus de Computis et Scripturis*, explicando a contabilidade por Partidas Dobradas, publicado em 1494, obra que contribuiu para inserir a contabilidade entre os ramos do conhecimento humano.

Pacioli, apesar de ser considerado o Pai da Contabilidade, não foi o criador das Partidas Dobradas. Segundo Amorim (1999, p.21), "o método já era utilizado na Itália, principalmente na Toscana, desde o século XIV".

O tratado de Pacioli, conforme Amorim (1999, p.21), destacava aspectos necessários às atividades do bom comerciante. Em seu conteúdo,

conceituava inventário e como fazê-lo. Discorria sobre livros mercantis: memorial, diário e razão, sobre a autenticação dele; sobre registros de operações: aquisição, permutas, sociedades, etc.; sobre contas em geral: como abrir e como encerrar; contas de armazenamento; lucros e perdas, que na época, eram "Pro" e "Dano", sobre correções de erros; sobre arquivamento de contas e documentos, etc.

A obra de Pacioli não só sistematizou a Contabilidade, como também abriu precedente para que novas obras pudessem ser escritas sobre o assunto. Inicia-se assim, o período científico da contabilidade, a partir do qual vai se desenvolver todo o arcabouço teórico dessa ciência.

Amorim (1999, p.21) considera como o início do período científico o ano de 1840, destacando dois grandes autores: Francesco Villa, escritor milanês, contador público com sua obra *La Contabilitá Applicatta alle amministrazioni Private e Plubbliche*, e Fábio Besta, escritor veneziano.

No conceito de Amorim (1999, p.22),

Embora o século XVII tivesse sido o berço da era científica e Pascal já tivesse inventado a calculadora, a ciência da Contabilidade ainda se confundia com a ciência da Administração, e o patrimônio se definia como um direito, segundo postulados jurídicos. Nessa época, na Itália, a Contabilidade já chegara à Universidade.

Fábio Besta demonstrou a importância fundamental da conta e Vincenzo Mazi, pela primeira vez, em 1923, definiu o patrimônio como objeto da Contabilidade.

Amorim (1999, p.23) apresenta alguns defeitos da escola européia, que teve como base

o peso excessivo de teoria, sem demonstração práticas, sem pesquisas fundamentais: a exploração teórica das contas e o uso exagerado das partidas dobradas, inviabilizando, em alguns casos, a flexibilidade necessária, principalmente, na contabilidade Gerencial, preocupando-se demais em demonstrar que a Contabilidade era uma ciência ao invés de dar vazão à pesquisa séria de campo e de grupo.

A partir de 1920 nasce o predomínio da escola norte-americana sobre a italiana, favorecido, tanto pela boa estrutura econômica e política dos Estados Unidos, como pela pesquisa e trabalho dos órgãos de classe americanos.

Segundo Amorim (1999, p.23), havia uma total integração entre acadêmicos e os já profissionais da Contabilidade, o que não ocorreu nas escolas européias:

O nascimento do *American Institute of Certified Public Accountants*, foi de extrema importância no desenvolvimento da Contabilidade e dos Princípios Contábeis; várias associações empreenderam muitos esforços e grandes somas em pesquisas nos Estados Unidos.

A contabilidade americana, sinônimo da contabilidade contemporânea, caracteriza-se por influenciar a contabilidade de muitos países no mundo, tanto pelo poderio econômico daquele país, como pela significativa presença das grandes firmas transnacionais de origem americana de auditoria e consultoria, que terminam impondo suas práticas contábeis.

Outra marcada característica daquela escola é a forte ênfase na contabilidade gerencial como ferramenta de gestão. Ultimamente, em decorrência dos escândalos financeiros de empresas americanas, tem havido maior ênfase na transparência da contabilidade financeira, assim como nos aspectos éticos das práticas contábeis.

2.3 A Contabilidade no Brasil

Conforme Amorim (1999, p.24), os registros do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) mostram que

a Contabilidade provavelmente começou a ser lecionada com a aula de comércio da corte, em 1809, que foi a Escola de Comércio Álvares Penteado, e com a transformação desta em 1856 em Instituto Comercial do Rio de Janeiro, sendo o Brasil um dos primeiros países a ter estabelecimento de Ensino Superior de Contabilidade, a Escola de Comércio Álvares Penteado, criada em 1902, a primeira escola especializada no ensino da Contabilidade.

O ano provável do início do ensino de Contabilidade no Brasil é 1863, segundo preconizado por Schmidt (2000, p.206)

Em termos de formação do profissional brasileiro, uma das primeiras manifestações foi a criação do Instituto Comercial do Rio de Janeiro, em 1856. A partir de 1863, esse instituto passou a oferecer a

disciplina de Escrituração Mercantil como forma de qualificar seus alunos para a prática do registro contábil.

Do movimento dos Guarda-livros no final do século XIX surgiu, segundo Schmidt (2000, p.206), em 20 de abril de 1902, a Escola Prática de Comércio; três anos depois, o decreto Federal nº 1.339 reconheceu oficialmente as profissões de Guarda-livros e de Perito-Contador, mantidas por ela.

Schmidt (2000, p.206) afirma que em 05 de janeiro de 1907, a Escola Prática de Comércio passa a se chamar Escola de Comércio Álvares Penteado, formadora dos primeiros professores de Contabilidade no cenário nacional.

Entre as décadas de 20 e 40, já no século XX, as empresas comerciais ou industriais, chamadas de firmas, segundo Amorim (1999, p.24) “tinham o seu ‘guarda livros’, geralmente um homem bem intencionado, mas de pouca técnica, sem ter freqüentado escolas ou cursos de especialidade, aprendera pela prática ou pelo empirismo”.

Dentre as funções e atividades desse profissional, Amorim (1999, p.25) cita: “a contabilidade da Firma, a escrituração, a correspondência, os contratos e distratos”, preenchimento de cheques, realização de pagamentos e recebimentos, entre outros.

Acredita-se que, devido ao contexto social da época, a prática de guarda-livros era predominantemente masculina. Através de entrevistas informais realizadas pela autora com mulheres na faixa etária de 70 a 80 anos, evidencia-se que dificilmente mulheres exerceriam atividades que não fossem intrinsecamente domésticas.

Intui-se, também, que existia na época uma forte tendência de transmissão da experiência empírica e prática, o que provocava uma continuidade profissional nas famílias, através da relação pai-filho.

Regulamentou-se a profissão do Contador no Brasil através do Decreto-Lei No. 20.158, de 30 de junho de 1931. Esse mesmo Decreto-Lei, segundo Schmidt (2000, p.207), organizou o ensino comercial.

Segundo Amorim (1999, p.25),

a partir da Resolução nº 220 e da nº 179 do Banco Central é que o Brasil começa a sofrer influência norte-americana. Foi com a instituição do Curso de Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade de São Paulo (USP), em 1946, que o país ganhou seu primeiro núcleo efetivo, embora modesto, de pesquisa contábil, nos modelos norte-americanos, ou seja, com professores de regime integral, dedicando-se ao ensino, à pesquisa produzindo trabalhos específicos de caráter científico, portanto de grande importância para a contabilidade.

A cidade de São Paulo sofreu, nas décadas de 30 a 70, um acelerado processo de industrialização. Provavelmente, a instalação do curso de Ciências Contábeis, com grande influência dos modelos norte-americanos, nessa cidade, tenha sido decorrente desse processo de modernização.

A modernização econômica e o desenvolvimento Industrial, junto com o processo de urbanização no Brasil, aumentaram as possibilidades de entrada de capital estrangeiro em grande escala. Esses fenômenos contribuíram para alavancar a preocupação com o desenvolvimento do profissional da contabilidade, e com as técnicas contábeis.

A Lei nº 4.320, de 13 de março de 1964, define as normas gerais do direito financeiro para a elaboração e controle dos orçamentos e balanços da União, dos

Estados, dos Municípios e do Distrito Federal. Em 26 de junho de 1965, cria-se a Lei nº4.695, que dispõe sobre a nova composição do Conselho Federal de Contabilidade (CFC).

O CFC tem como função a fiscalização da profissão de contabilista. Sua sede é o Distrito Federal e a ele ficam subordinados todos os Conselhos Regionais. Sua Diretoria é composta por nove contabilistas brasileiros legalmente habilitados.

Os anos 70 caracterizaram-se pela crise mundial do petróleo, o aumento da taxa de juros, o crescimento da dívida externa, a inflação alta, a estagnação da economia, assim como as primeiras manifestações populares contra o regime militar instaurado desde a década de 60. É no início daquela década que é aprovado o Código de Ética pelo CFC.

Tal código prescreve sobre a conduta desejada do contabilista no exercício da profissão. Acredita-se que esse instrumento seja essencial e muito importante para imbuir de confiabilidade tanto a classe contábil como as suas práticas, haja vista transparência defendida por tal legislação.

Em 15 de dezembro de 1976 foi aprovada a Lei nº6.404, que dispõe sobre as Sociedades por Ações. No dia 07 do mesmo mês tinha sido aprovada a Lei nº 6.385, que instituiu a Comissão de Valores Mobiliários, órgão fiscalizador das atividades e informações daquelas sociedades.

A década de 80, e parte dos anos 90, caracterizou-se pela galopante hiperinflação, o que afetou todos os aspectos socioeconômicos do país. Nos aspectos contábeis, destaca-se o desenvolvimento de ferramentas e metodologias para a contabilização dos reflexos da inflação, conhecidas como Correção Monetária.

Em 1994 o País entrou em uma nova era econômica, através da criação do Plano Real, que consistia na transição da antiga moeda Cruzeiro para o Real, moeda vigente até hoje, e na política de estabilização monetária.

Para a classe contábil os anos 90 foram uma década de bastante transformação: extinguiu-se a obrigatoriedade da correção monetária e surgiram novas formas de tributação, tal como o Simples, com o intuito de estimular a iniciativa privada no país.

2.4 O Início das Escolas de Contabilidade em Florianópolis.

Santa Catarina é um dos estados da região Sul do Brasil, situado entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Possui uma área total de 95,4 mil Km², tem uma população de 5.356.360, segundo o Censo do IBGE do ano 2000 e sua capital é Florianópolis, sede da Universidade Federal de Santa Catarina.

De acordo com Vieira (1986, apud AMORIM, 1999, p.28), em 1917 Florianópolis possuía quatro estabelecimentos de ensino significativos:

O Colégio Coração de Jesus com a escola complementar equiparada anexa; O Ginásio Catarinense, gozando do privilégio concedido por quarenta anos pelo governo de Vidal Ramos, de ser o único estabelecimento de ensino equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, atendendo em regime de internato e externato os filhos de tradicionais famílias da capital e do interior do Estado; a Escola Normal que servia de estabelecimento de apoio para o grande contingente de alunos menos abastados, procedentes dos diversos grupos escolares, escolas isoladas e complementares das redes municipal e estadual; e o Liceu de Artes e Ofícios.

Homens e mulheres, com idades entre 30 e 70 anos, entrevistados informalmente pela autora, relataram que o Colégio Catarinense somente aceitava estudantes do sexo masculino e o Colégio Coração de Jesus somente aceitava

estudantes do sexo feminino. A Escola Normal e o Liceu de Artes e Ofícios eram freqüentados tanto por mulheres como por homens.

Conforme Amorim (1999, p.29), o primeiro curso de preparação de pessoas para exercer a função de Guarda-Livros no Estado de Santa Catarina foi instalado em 16 de fevereiro de 1917, no “Instituto Polytechnico de Florianópolis”, primeira instituição de Ensino Superior do Estado.

Amorim (1999, p.29) complementa que esta instituição

viria satisfazer aquela parcela da juventude ávida de novos conhecimentos, sem recursos financeiros para estudar fora de Florianópolis, que tinha no Liceu de Artes e Ofícios, Escola Normal e Ginásio Catarinense os únicos meios para formação profissional.

A inscrição para o Curso de Comércio exigia do candidato a idade mínima de 12 anos, a certidão de aprovação dos exames de admissão ou primeira série de ginásio equiparado ou, ainda, o diploma de complementarista. De todos os cursos de especialização do Instituto, segundo Amorim (1999, p.30), foi o de Comércio que teve o maior número de inscritos no ano de 1917.

Esse curso, com duração de 3 anos letivos, compreendia as seguintes cadeiras, assim distribuídas, segundo Amorim (1999, p.30):

Ano 1	Ano 2	Ano 3
<ul style="list-style-type: none"> • Correspondência; • Tecnologia e Técnica Comercial; • Geografia Comercial; • Noções de Direito Público e Constitucional; • Aulas Práticas de Francês e Alemão; • Caligrafia; • Datilografia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrituração Mercantil; • Direito Comercial (Terrestre); • Economia Política; • Aulas Práticas de Francês, Inglês e Alemão; • Taquigrafia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Contabilidade Prática de Escritório; • Direito Comercial (Marítimo); • Finanças, • Institutos de Crédito; • Ciências da Administração; • Aulas Práticas de Francês, Inglês e Alemão.

Quadro 1 - Grade Curricular Curso do Comércio “Instituto Polytechnico de Florianópolis”
Fonte: Adaptado de Amorim (1999, p.30)

Segundo Amorim (1999, p.30), no ano de 1924 os cursos passaram a ter nova configuração. O Curso de Comércio, foi subdividido em: Curso de Ciências Comerciais e Curso de Ciências Jurídico-Comerciais.

O Curso de Ciências Comerciais, que diplomava Guarda-Livros e Perito Judicial, compreendia as seguintes disciplinas, divididas em três anos:

Ano 1	Ano 2	Ano 3
<ul style="list-style-type: none"> • Português, • Francês, • Matemática, • Geografia e História Geral, • Álgebra e Geometria 	<ul style="list-style-type: none"> • Português, • Correspondência e Tecnologia Comercial, • Francês, • Escrituração Mercantil, • Geografia e História Geral, • Álgebra e Geometria 	<ul style="list-style-type: none"> • Inglês, • História Natural, • Física e Química, • Noções de Direito Civil Público e Comercial, • Direito administrativo, • Legislação Aduaneira • Contabilidade Prática de Escritório

Quadro 2 - Grade Curricular Curso de Ciências Comerciais "Instituto Polytechnico de Florianópolis"
Fonte: Adaptado de Amorim (1999, p.30-31)

Havia ainda, conforme Amorim (1999, p.31), o curso de Ciências Jurídico-Comerciais, que compreendia as seguintes cadeiras, divididas em dois anos:

Ano 1	Ano 2
<ul style="list-style-type: none"> • Geografia Comercial e Estatística, • História do Comércio e da Indústria, • Matemática Superior Aplicada ao Comércio, • Contabilidade Mercantil Comparada • Banco Modelo de Tecnologia Industrial e Mercantil 	<ul style="list-style-type: none"> • Direito Comercial e Marítimo, • Economia Política, • Ciência das Finanças e Contabilidade Pública, • Direito Internacional, • Diplomacia, • História e Correspondência Diplomática, • Inglês, Italiano e Espanhol (Ensino Prático)

Quadro 3 - Grade Curricular Curso de Ciências Jurídico-Comerciais "Instituto Polytechnico de Florianópolis"

Fonte: Adaptado de Amorim (1999, p.31)

De acordo com Vieira (1986, apud AMORIM, 1999, p.31), "no final de 1920 surge o primeiro Guarda-Livros formado pelo Instituto". Entre 1917 e 1930 somente

uma mulher, Carmem Barbosa, se formou naquele curso. Em 1925, matriculou-se Olga Barbosa.

Carmem Barbosa possui o registro de contabilista mais antigo entre as mulheres catarinenses. Em entrevista realizada pelo Jornal do CFC, No. 57 fev/2003, ela afirma: “Eu era um objeto de curiosidade”.

Segundo Amorim (1999), no início dos anos 30 vários acontecimentos abalaram a estrutura do Instituto, levando-o a crises internas, que foram gradativamente desgastando-o, até o encerramento de suas atividades.

Na década de 40 o curso de Ciências Comerciais foi, finalmente, reconhecido como de nível superior, segundo o Jornal do CFC (2003). Porém, Carmem Barbosa se recusou a receber o diploma explicando-se com a seguinte afirmação: “Não teria sido uma atitude correta. Afinal, os professores não recebiam salários, as aulas não eram dadas, e o curso definhando, definhando”.

Segundo o Jornal do CFC (2003), Carmem Barbosa, algum tempo depois, formou-se pela universidade e teve sua primeira experiência profissional na firma de contabilidade Atherino, com a responsabilidade de cuidar da correspondência comercial, permanecendo por lá durante um ano e meio. Posteriormente, realizou concurso para os Correios e Telégrafos, ficando em segundo lugar e trabalhando no mesmo local durante 33 anos.

Originalmente criada sob o nome de Escola de Comércio de Santa Catarina, segundo Amorim (1999, p.34), a Academia do Comércio de Santa Catarina, sucessora do Instituto Polytechnico de Florianópolis, foi criada pelo Decreto Estadual nº 782, de 5 de abril de 1935.

Amorim (1999, p. 34) afirma que, da Academia do Comércio, “a primeira turma de Peritos Contadores formou-se em 1937” e não possuía nenhuma integrante do sexo feminino dentre os seus formandos.

Conforme Amorim (1999, p.42), em 15 de fevereiro de 1943, o Conselho Diretor da Academia fundou a primeira Faculdade de Ciências Econômicas, que se manteve até 1959, quando passou a integrar a Universidade Federal de Santa Catarina.

O curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina foi aprovado pela Portaria nº39, de 8 de fevereiro de 1965, do Ministério da Educação e Cultura. O reconhecimento foi concretizado pelo Decreto nº 75.590, de 10 de abril de 1975, da Presidência da República.

Conforme Amorim (1999, p.44), “a primeira turma de Contadores diplomados pelo Curso de Ciências Contábeis em Santa Catarina colou grau em 03 de dezembro de 1966”, tendo entre seus formandos 02 mulheres.

O Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina foi constituído em 8 de dezembro de 1946, sendo seu primeiro presidente o Guarda-Livros e Perito Judicial Lindolfo Anatércio Gonçalves Pereira, que recebeu a primeira carteira de Contabilista de Santa Catarina em 30 de maio de 1947.

2.5 O Curso de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Santa Catarina.

A primeira turma de formandos em Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina teve a grade curricular distribuída em quatro anos. Segundo Amorim (1999, p.61), nos dois primeiros anos as disciplinas eram as mesmas lecionadas no curso de Ciências Econômicas.

Amorim (1999, p.71) afirma que, como novidade, o curso apresentava as cadeiras de Contabilidade Pública, Auditoria Contábil, Estrutura e Análise de Balanços, Contabilidade de Custos, Contabilidade Bancária e a criação do Centro de Treinamento de Estudos Contábeis para a instalação de um “Escritório-Piloto”, proposta pelo Professor Luiz Eugênio Beirão.

O primeiro curso superior de contabilidade (Ciências Contábeis) ministrado pela Universidade Federal de Santa Catarina teve a grade curricular distribuída em quatro séries anuais com as seguintes disciplinas:

Série	Disciplinas
1	Introdução à Economia, Matemática Complementos, Contabilidade Geral, Estatística Metodológica, Instituições de Direito Privado, Instituições do Direito Público.
2	Matemática (análise), Estatística Aplicada, Geografia Econômica, História Geral e Formação Econômica do Brasil, Sociologia Geral e Aplicada, Contabilidade Estrutura e Análise de Balanço, Introdução à Administração.
3	Direito Tributário, administração de Empresas, Técnica Comercial e Finanças das Empresas, Contabilidade Comercial, Contabilidade de Custos, Instituições do Direito Social.
4	Administração Pública, Contabilidade Pública, Contabilidade Industrial e Agrícola, Contabilidade Bancária, Auditoria Contábil.

Quadro 4 - Grade Curricular do Curso de Contabilidade da UFSC (1965)
Fonte: Amorim (1999, p.61)

A composição atual do currículo do curso estende-se por 5 anos (10 fases) no período noturno e 4 anos (8 fases) no período diurno. Será apresentado o currículo do período noturno, porém as mesmas disciplinas são lecionadas no currículo do período diurno; o que diminui é o tempo de formação devido, ter no período diurno por semestre a opção de lecionar uma disciplina a mais do que a grade do período noturno.

A seguir, a grade curricular do curso de Ciências Contábeis da UFSC:

Fase	Disciplinas
1	Pesquisa Bibliográfica, Contabilidade I, Informática Contábil I-A, Estudos da Realidade Catarinense, Fundamentos Gramaticais, Métodos Quantitativos.
2	Contabilidade II, Informática Contábil II-A, Introdução à Economia, Instituições de Direito, Métodos Quantitativos II.
3	Contabilidade III, Laboratório Contábil I, Contexto Social e Contabilidade I, Métodos Estatísticos I, Matemática Financeira I.
4	Teoria administrativa, Contabilidade IV, Métodos Estatísticos II, Redação Comercial I, Matemática Financeira II.
5	Laboratório Contábil II, Contabilidade de Custos, Teoria da Contabilidade, Legislação Tributária, Legislação Comercial e Societária, Redação Comercial II.
6	Análise de Custos, Análise das Demonstrações Contábeis, Contabilidade Tributária I, Contexto Social e Contabilidade II, Legislação Social e Previdenciária, Redação Oficial.
7	Teoria das Organizações, Contabilidade Gerencial, Contabilidade Tributária II, Teoria Econômica, Pesquisa Operacional aplicada à Contabilidade.
8	Laboratório Contábil III, Técnicas de Pesquisas em Contabilidade, Jogos de Empresa I, Ética e Filosofia Política, Disciplina Optativa.
9	Administração Financeira Aplicada à Contabilidade, Técnicas Orçamentárias e Finanças Públicas, Auditoria Contábil, Psicologia Aplicada à Contabilidade, Disciplina Optativa.
10	Administração Financeira e Orçamento, Contabilidade Pública, Perícia Contábil, Jogos de Empresa II, Filosofia da Ciência, Disciplina Optativa.

Quadro 5 - Grade Curricular do Curso de Ciências Contábeis da UFSC (1994)

Fonte: Amorim (1999, p.62-63)

Como disciplinas optativas o curso oferece as seguintes cadeiras: Contabilidade Hospitalar, Contabilidade de Empresas Imobiliárias, Tópicos Especiais de Contabilidade Gerencial, Sistemas Contábeis, Tópicos Especiais de Contabilidade, Contabilidade Industrial, Contabilidade de Instituições Financeiras, Contabilidade Rural, Contabilidade de Empresas de Seguridade e Previdência Social, Contabilidade de Hotelaria e Turismo, Contabilidade de Cooperativas, Contabilidade Sindical, Pesquisa em Contabilidade, Monitoria em Contabilidade, Cultura Brasileira e História Econômica Geral I.

Hoje o Curso de Ciências Contábeis é ministrado na Universidade Federal de Santa Catarina, que tem como endereço, Bairro Trindade, Caixa Postal 476 Florianópolis, estado de Santa Catarina.

2.6 Perfil da Mulher Contabilista

O objetivo deste tópico não é discutir ou analisar a situação laboral das mulheres na profissão contábil, mas o de acrescentar informações para contextualizar o assunto da pesquisa objeto deste trabalho.

O CFC publicou o perfil do contabilista brasileiro no ano de 1995, decorrente de pesquisa realizada com cerca de 300.000 profissionais inscritos nos diversos Conselhos Regionais de Contabilidade do país. Dos 300.000 entrevistados nessa pesquisa, 217.650 são homens e 82.350 mulheres.

Desta pesquisa retiraram-se algumas características oficiais do perfil do contabilista brasileiro, como já mencionado, são ainda em sua maioria homens, possuindo predominância de profissionais com mais de 35 anos, do universo pesquisado, cerca de 64,11% dos 300.000 entrevistados.

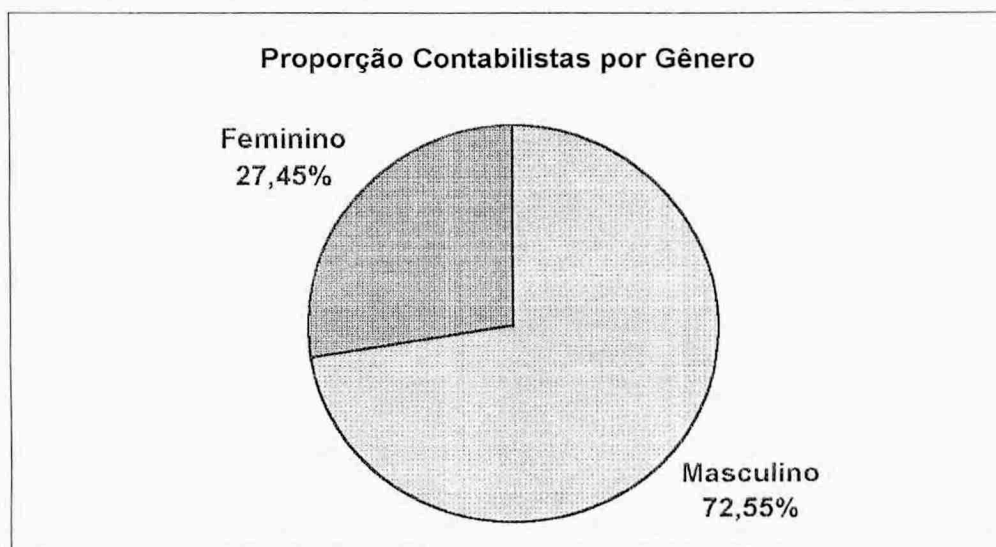


Gráfico 1 – Adaptado Proporção de Contabilistas por Gênero - 1996
Fonte: adaptado do CFC (1996, p.13)

Também da pesquisa retira-se que a empresa privada é a grande empregadora de contabilista cerca de 76% dos entrevistados atuam em empresas privadas, Com dados da pesquisa CFC (1996, p.64,66) adaptou-se o gráfico, onde se evidencia que é maior o percentual de mulheres que recebem salários menores a R\$1.400,00 do universo de mulheres pesquisadas em relação aos homens pesquisados.

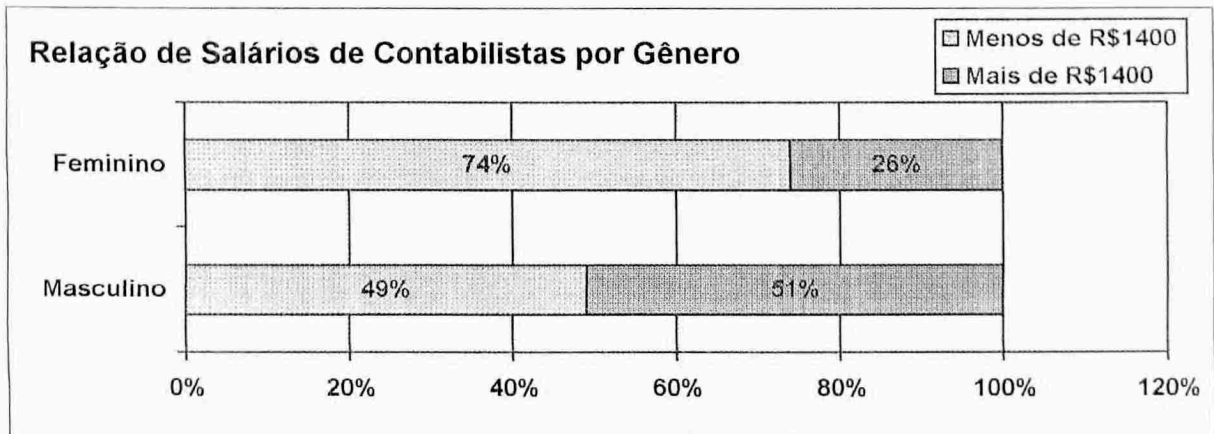


Gráfico 2 – Adaptado Relação de Salários de Contabilistas por Gênero
Fonte: Adaptado do CFC (1996)

Isto provavelmente deve-se pelo motivo de ser a carga horária de trabalho dos homens ser maior de acordo com os dados da pesquisa do CFC (1996,p.67): Cerca de 64,69% dos homens entrevistados trabalha mais de 40 horas por semana, o que ocorre somente com 51,71% das mulheres entrevistadas. Também é menor a proporção de homens que gozam de férias regulares cerca de 49,87% tiram férias regularmente, sendo entre as mulheres 53,90% possuem esta prática.

Outro dado a ser destacado é o grau de satisfação entre homens e mulheres que atuam na profissão, temos que 25,36% dos homens entrevistados estão insatisfeitos, contra 34,43% das mulheres entrevistadas, dentre os satisfeitos dos homens entrevistados temos 62,27%, contra 57,16% das mulheres entrevistadas e

entre os plenamente satisfeitos temos 12,37% dos homens entrevistados, contra 8,42% das mulheres entrevistadas.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo será realizada uma discussão sobre os dados coletados na pesquisa, descrevendo-os, tratando-os e analisando-os, com a finalidade de observar a evolução da participação feminina no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina.

3.1 Coleta dos dados

Para a coleta de dados a serem utilizados nesta pesquisa, a autora contatou o Núcleo de Processamento de Dados (NPD) da Secretaria Extraordinária de Informática (SEI) da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PREG) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para solicitar acesso aos dados quantitativos das matrículas dos estudantes no curso de graduação de Ciências Contábeis desta Instituição de Ensino.

Foram solicitados e obtidos dados válidos do período compreendido entre o primeiro semestre de 1970 e o segundo semestre de 2002, perfazendo um período total de 32 anos, ou 64 semestres, a serem analisados nesta pesquisa.

Não houve acesso aos dados correspondentes aos períodos anteriores a 1970, já que não estão disponibilizados no sistema. Um funcionário do NPD informou que os únicos dados disponíveis são aqueles que estão no sistema.

Coletou-se, seletivamente, através de ficha específica disponibilizada no sistema do NPD através da rede interna da UFSC, os totais de ingressos e egressos por curso, por semestre e por turno.

Também se procuraram maiores dados e informações no Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC), para melhor contextualizar esta pesquisa. Obteve-se informação bibliográfica: textos, artigos, entre outros, correlatos à área contábil e não especificamente à mulher contabilista.

Dados quantitativos não puderam ser obtidos, devido à falta dos mesmos em formato publicável, havendo desconhecimento geral da situação da mulher contabilista catarinense.

Foram solicitados e coletados dados estatísticos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes à situação laboral e educacional da mulher no país no mesmo período da pesquisa antes mencionado.

Levantaram-se informações pontuais através de entrevistas informais com alguns professores do departamento de Ciências Contábeis da UFSC, assim como também com algumas pessoas da comunidade de idades compreendidas entre 30 e 80 anos. Estas informações serviram para contextualizar e cristalizar algumas idéias expostas anteriormente, no capítulo da fundamentação teórica.

A seguir, apresenta-se uma descrição do tratamento dos dados coletados para posterior análise.

3.2 Tratamento dos dados

Os dados coletados encontram-se principalmente em formato de tabelas numéricas e alguns em formato estatístico. Tais dados foram agrupados por décadas, para posterior análise em blocos separados. Esta divisão foi feita para facilitar a observação e discussão das informações geradas pelo relacionar dos

dados da UFSC com os dados estatísticos da situação laboral e educacional da mulher brasileira.

Basicamente, foram utilizadas como ferramentas quantitativas as totalizações dos valores analisados e seus respectivos percentuais. Os dados de diversos anos foram tabulados de acordo com o agrupamento antes especificado.

3.3 Análise dos dados

Neste tópico os dados são apresentados, tabulados e analisados divididos em 03 décadas e, adicionalmente, analisam-se os três primeiros anos da década atual.

3.3.1. Década de 70

No período compreendido entre o semestre 1970/1 e 1979/2, a representação feminina de estudantes no curso de ciências contábeis da UFSC foi de 124 mulheres contra 745 homens, como pode se observar na tabela a seguir:

Tabela 1- Ingressos no curso por gênero - Anos 70

ANO	INGRESSOS FEMININOS		INGRESSOS MASCULINOS	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
	1970	1	0	18
1971	0	0	44	0
1972	0	0	33	1
1973	3	0	57	1
1974	11	0	67	1
1975	10	0	69	0
1976	10	0	72	1
1977	15	11	61	69
1978	11	10	67	30
1979	16	26	77	77
TOTAL	77	47	565	180

Fonte: Adaptado de NPD (2003)

Verifica-se, assim, que as mulheres representavam apenas 14,27% dos alunos eram mulheres e 85,73% homens naquela época. Elaborou-se, a partir dessa tabulação, o gráfico a seguir, onde se pode observar a evolução da participação feminina em contraste com a masculina no curso, com uma divisão por turno:

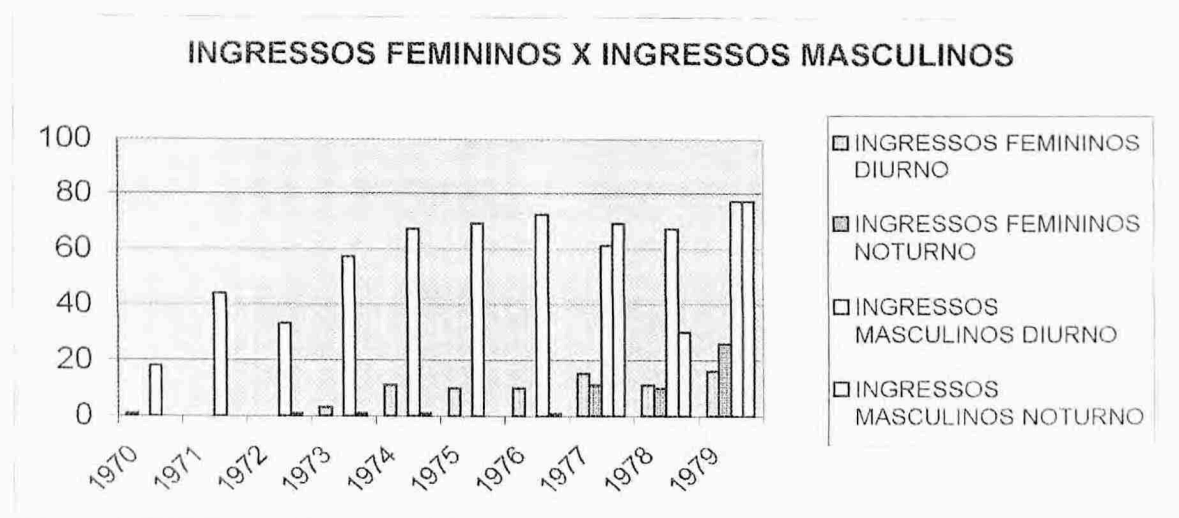


Gráfico 3 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 70

Nota-se que nos primeiros anos dessa década, quando os movimentos feministas ainda davam os seus primeiros passos no país, a procura de mulheres pelo curso é menor comparado com os anos finais da mesma década.

Através de depoimentos de pessoas na faixa etária de 50, 60 e 70 anos, entrevistadas, percebe-se que na região de Florianópolis, naquela época, a contabilidade era uma profissão predominantemente masculina.

Os escritórios de contabilidade eram administrados por homens. Naqueles, normalmente as mulheres assumiam funções de secretária e/ou auxiliar de serviços gerais.

O professor Silvio Lehmkuhl Meyer, em entrevista realizada pela autora, lembra que “o comum na profissão contábil no período da década de 70, era esta

ser exercida em sua grande maioria por homens, apesar de as poucas mulheres estudantes e profissionais serem muito competentes”.

Dados do Censo IBGE de 1970 revelam que das 6.165.447 mulheres economicamente ativas no país, somente 17.239 exerciam a função de contabilista, na verdade, pela terminologia do IBGE, técnico(a) de contabilidade, ou seja, um pouco menos de 0,28% exercia a profissão contábil.

Nessa mesma época, a quantidade de homens, segundo o IBGE, que exercia tal função era de 100.668. Observe-se, no gráfico seguinte, a proporção nacional de mulheres economicamente ativas que exerciam a profissão contábil como principal ocupação contra a proporção masculina:

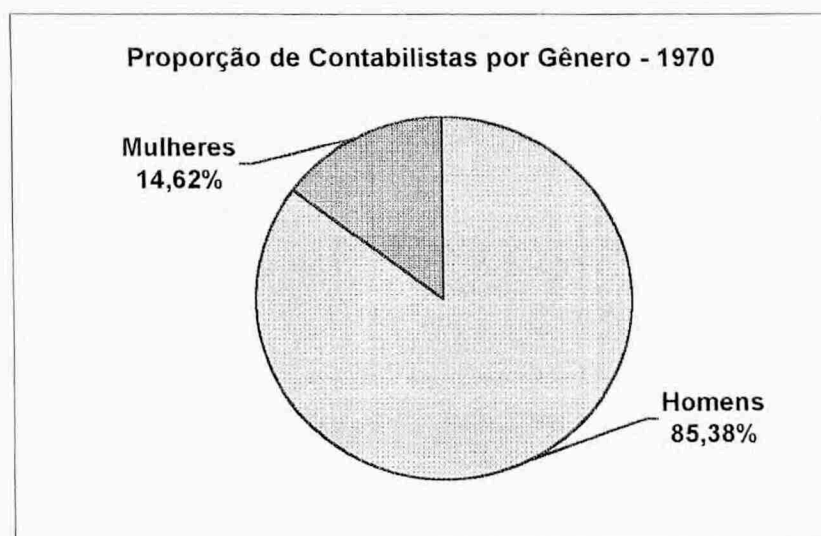


Gráfico 4 - Proporção de Contabilistas por Gênero - 1970

Acredita-se, portanto, que nessa época, a procura pela profissão contábil por mulheres não era natural, nem comum.

Dados do IBGE apontam um crescimento da participação da mulher na população economicamente ativa, que era de 21% em 1970 e cresce 6 pontos percentuais, passando para 27% no final daquela década.

Com relação à proporção de mulheres formadas no curso ao longo da década de 70, em comparação com o número de homens, constata-se na tabela a seguir a mesma característica proporcional dos ingressos antes explicitados:

Tabela 2 - Egressos do curso por gênero - Anos 70

ANO	FORMADOS FEMININOS			FORMADOS MASCULINOS		
	DIURNO	NOTURNO	TOTAL	DIURNO	NOTURNO	TOTAL
1970	0	0	0	0	0	0
1971	0	0	0	0	0	0
1972	0	0	0	0	0	0
1973	0	0	0	1	0	1
1974	0	0	0	18	0	18
1975	0	0	0	17	0	17
1976	0	0	0	28	0	28
1977	0	0	0	24	0	24
1978	8	0	8	32	0	32
1979	4	0	4	20	1	21
TOTAL	12	0	12	140	1	141

Fonte: Adaptado de NPD (2003)

O total de 12 mulheres formadas na década de 70 contra 141 homens perfaz um percentual de 7,84% para 92,16%, como pode se constatar no seguinte gráfico:

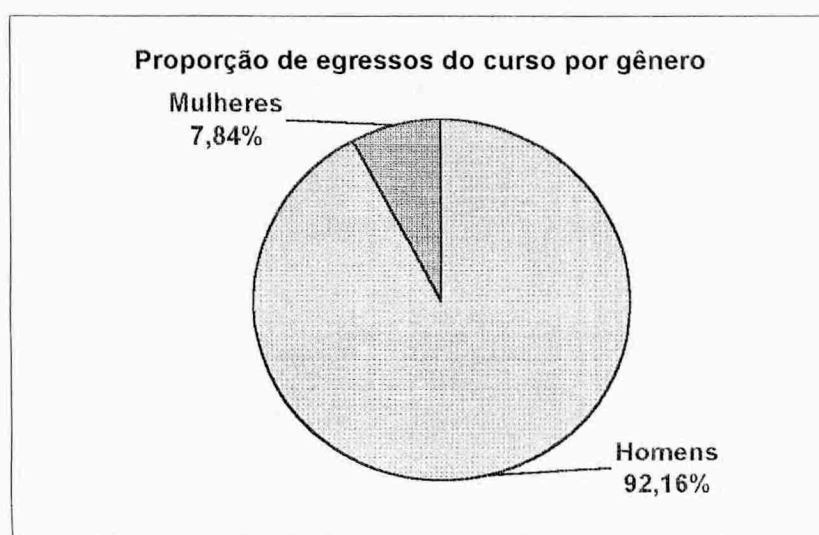


Gráfico 5 - Proporção de egressos do curso por gênero – Anos 70

A evolução histórica da comparação entre gêneros de egressos ao longo da década dos 70 pode ser melhor visualizada no gráfico a seguir:

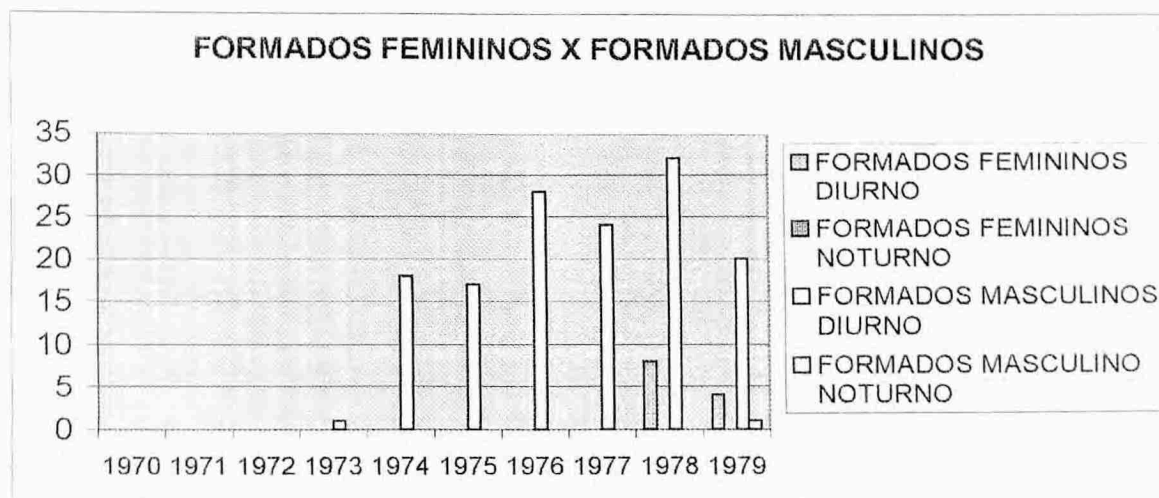


Gráfico 6 - Comparação histórica dos egressos do curso por gênero - Anos 70

A partir dos anos finais da década de 70, a população jovem brasileira procura novas oportunidades, provavelmente motivada pelas mudanças políticas, econômicas e sociais vividas no país, contribuindo para isso também os movimentos migratórios do meio rural para a área urbana.

3.3.2. Década de 80

Grandes mudanças na sociedade brasileira marcaram profundamente a década de 80. Nesse contexto de busca de liberdades e crescimento da consciência política, em 06 de abril de 1982 os alunos do Curso de Ciências Contábeis, reunindo-se em Assembléia Geral, constituíram o Centro Acadêmico de Ciências Contábeis, como órgão de representação discente na UFSC. Cinquenta e um alunos de Ciências Contábeis do período diurno e cinquenta e quatro do turno noturno convocados através de Edital de Convocação, na Assembléia, votaram e aprovaram o nome Centro Acadêmico de Ciências Contábeis (CACIC), como nome e sigla da

entidade, aprovaram o Estatuto, estabeleceram a data de eleição e indicaram a Comissão para o Processo Eleitoral.

Várias foram as mulheres que participaram nas diretorias daquele órgão mas somente na nona diretoria, gestão 1993/1994, é que uma mulher, Deise Franco, assume a presidência do Centro Acadêmico.

Na década de 80, dados do IBGE acusam um crescimento de 5 pontos percentuais na participação econômica da mulher na sociedade brasileira, indo de 31,20%, em 1981 para 35,6%, em 1990, sendo evidente que se trata de um fenômeno urbano, já que enquanto aquele número aumenta, a participação feminina diminui em atividades agrícolas, com uma redução de 21,1%, em 1981, para 20,8%, em 1990.

A crescente presença feminina nos centros urbanos gera a necessidade de elas procurarem melhorias no seu nível de escolaridade para tornar-se mais competitivas no mercado e poder concorrer, com os homens, pelos mesmos cargos e salários.

Sabe-se que no estado de Santa Catarina, a UFSC sempre esteve entre as mais solicitadas pelos estudantes que procuram formação superior, já que é ela a maior instituição em número de vagas para graduação.

Algumas mulheres vindas do interior do estado naquela época, em entrevistas realizadas pela autora, contam que estudar na capital era um sonho da maioria dos jovens. De modo geral, somente as famílias com maior poder aquisitivo conseguiam enviar seus jovens para estudar na capital.

Como havia altos custos de manutenção, aqueles estudantes de ambos os sexos vindos do interior, sem recursos financeiros, tinham que estudar e trabalhar

simultaneamente, o que terminou pressionando o aumento do número de estudantes que optavam pelo turno noturno.

No período compreendido entre o semestre 1980/1 e 1989/2, a representação feminina de estudantes no curso de ciências contábeis da UFSC foi de 470 mulheres contra 1150 homens, como pode se observar na tabela a seguir:

Tabela 3- Ingressos no curso por gênero - Anos 80

ANO	INGRESSOS FEMININOS		INGRESSOS MASCULINOS	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
1980	28	23	94	90
1981	27	17	72	68
1982	32	20	57	30
1983	38	25	45	61
1984	22	17	60	65
1985	25	10	55	63
1986	33	7	48	37
1987	37	23	45	61
1988	20	8	51	32
1989	35	23	45	71
TOTAL	297	173	572	578

Fonte: Adaptado de NPD (2003)

Verifica-se, assim, que as mulheres representavam 29,01% e os homens 70,99% nessa década. Houve um aumento da participação feminina, em comparação com a década anterior, de aproximadamente 15 pontos percentuais, significando uma duplicação do percentual feminino no curso. Elaborou-se, a partir dessa tabulação, o gráfico a seguir, onde se pode observar a evolução da participação feminina em contraste com a masculina no curso, por turno:

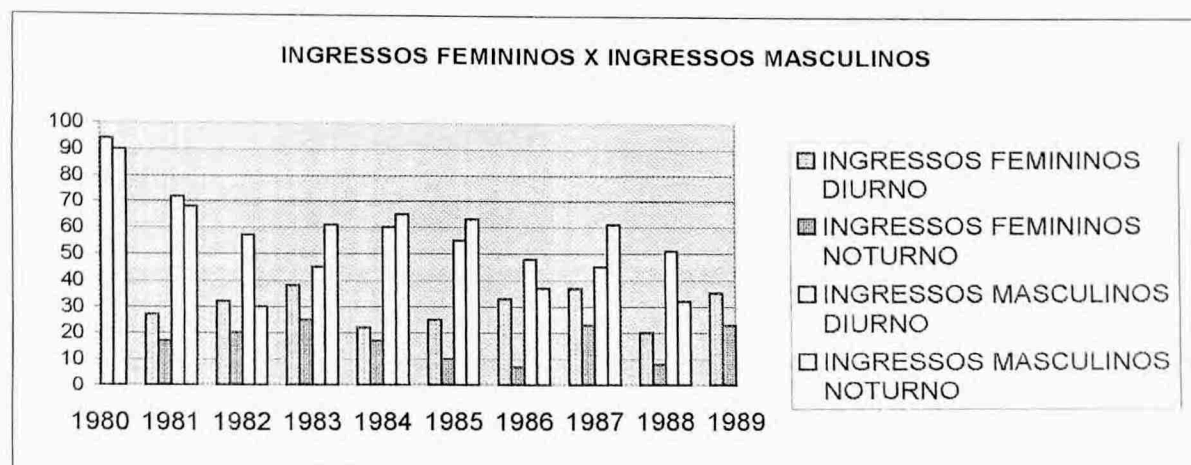


Gráfico 7 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 80

Nota-se nesse gráfico a forte tendência ao equilíbrio entre a participação por gêneros, tendo em vista que aumentou notadamente o número de estudantes femininas e houve um grande recuo na participação masculina.

Um fator importante para o aumento da procura pelo curso é a elevação do nível de escolaridade média do brasileiro nessa década que, segundo o IBGE, aumentou em todos os grupos ocupacionais. Ou seja, tanto homens e mulheres brancos, negros e pardos, de todas as profissões e ofícios, em geral, tem aumento de sua escolaridade na década de 80.

Porém, de acordo com essa mesma fonte, a expansão do ensino no Brasil continua sendo discriminatória: os negros e pardos têm menos oportunidades de treinamento do que os brancos, reforçando-se a desigualdade na competição antes da entrada no mercado de trabalho.

O aumento dos ingressos femininos influenciou, positivamente no número de egressas formadas nesse curso durante a década de 80. Esse fenômeno pode ser observado na tabela a seguir:

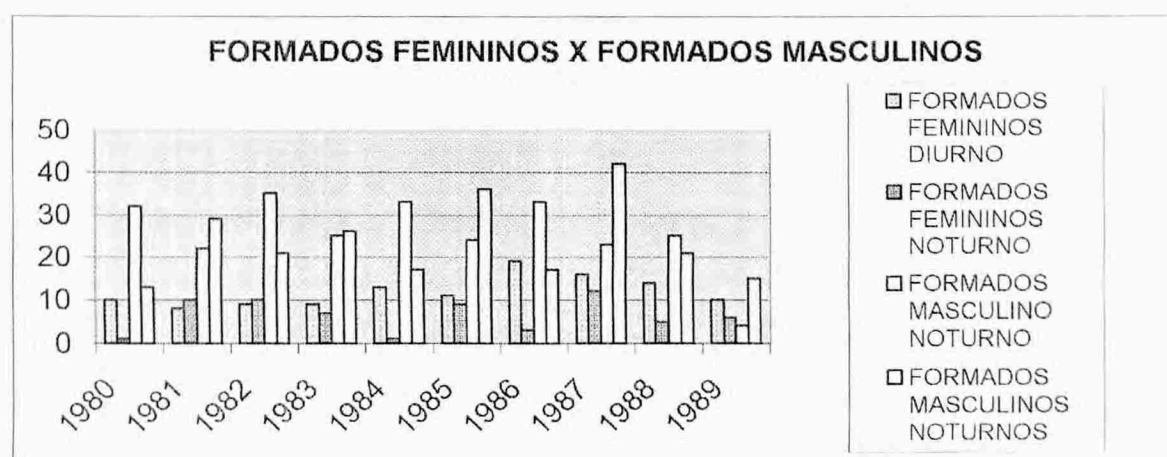
Tabela 4 - Egressos do curso por gênero - Anos 80

ANO	FORMADOS FEMININOS		FORMADOS MASCULINOS	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
1980	10	1	32	13
1981	8	10	22	29
1982	9	10	35	21
1983	9	7	25	26
1984	13	1	33	17
1985	11	9	24	36
1986	19	3	33	17
1987	16	12	23	42
1988	14	5	25	21
1989	10	6	4	15
TOTAL	119	64	256	237

Fonte: Adaptado do NPD (2003)

Pode-se concluir que com o ingresso maior de mulheres no curso a década de 80 também mostrou crescimento de formandos mulheres, passando de 7,84%, na década de 70 para 27,07% nos anos 80, diminuindo, por consequência, a participação do homem de 92,16%, na década de 70, para 72,93%.

A evolução histórica da comparação entre gêneros, de egressos ao longo da década de 80, pode ser melhor visualizada no gráfico a seguir:



O aumento significativo de mulheres egressas do curso de Ciências Contábeis da UFSC, acredita-se ser reflexo da melhor aceitação da mulher no

mercado de trabalho. De acordo com dados de época coletados na Pesquisa Nacional por Amostra dos Domicílios (PNAD) do IBGE a população ocupada de mulheres cresceu 55,5% enquanto a dos homens aumentou 28%, em relação ao início dos anos 80.

Esse crescimento feminino foi constituído por 42% na área urbana e 20,6% na zona rural, o que continua revelando grande predominância do meio urbano na sociedade brasileira. De acordo com o IBGE, esse crescimento na zona urbana passou do setor secundário - indústria predominante na década de 70, para o setor terciário, verificado pela variação percentual de crescimento da prestação de serviços em geral que é 75,3% em relação à década de 70, crescendo em especial nas áreas de transporte e comunicações 30,9%, Serviços Públicos 65,9% e comércio de mercadorias ou comércio ambulante crescimento maior de 91,3% e referidos como outros serviços 79,7%.

Uma característica dessa época é que apesar do setor privado empregar a muitos no período também era alto o número de rescisões contratuais, sendo o desemprego minimizado pelo serviço público, que contratou grande número de pessoas para atender a necessidades cada vez maiores de um Estado muito burocrático.

O aumento econômico dos serviços justifica, assim, o crescimento do número de mulheres procurando a formação de contadora, para 27,07%, em relação à década de 70 acompanhando assim as tendências macroeconômicas e aproveitando o crescimento do setor terciário.

Nesse período também, de acordo com o depoimento do professor Silvio Lehmkuhl Meyer, ingressou no corpo docente do departamento de Ciências Contábeis a primeira mulher, a professora Sandra Shang, sendo ela, também, uma

das primeiras mulheres a ser formar no curso, hoje esta não pertence mais ao corpo docente da Universidade Federal de Santa Catarina.

Como se pode verificar o aumentou pelo setor de serviços na década de 80 pode ser um fator relevante para a procura feminina pela formação de contadora junto é claro com o aumento do número de mulheres ocupadas no país.

3.3.3. Década de 90

A década de 90 é marcada por grandes mudanças nas políticas econômica e monetária brasileira, com o controle da inflação, a privatização das estatais, a equiparação do real ao dólar, e maior abertura da economia ao capital estrangeiro no país.

A mulher se torna mais autônoma nessa década. Surgem leis que obrigam a pagar remuneração equivalente à do homem e leis específicas para condenar os abusos sociais e físicos sofridos pela mulher. Apesar da diminuição da discriminação de gênero, e de abusos, nenhum deles desaparece totalmente da realidade brasileira.

Pessoas do sexo feminino, na faixa etária entre 30 e 40 anos, entrevistadas pela autora, confirmam que a década de 90 facilitou a expressão da liberdade feminina, quando elas ingressaram em mercados de trabalho distintos dos tradicionais. Observam também a preferência atual dos homens pelas mulheres que trabalham, isto é, que demonstram independência socioeconômica.

Pela PNAD, na década de 90, a taxa de atividade econômica masculina diminuiu 3 pontos percentuais, enquanto que a feminina aumentou em 2 pontos percentuais, indo de 42,7% para 49,0% em relação à década de 80.

A década de 90 apresentou uma certa estagnação, de acordo com dados do IBGE, em que detecta um leve decréscimo na atividade econômica. A década inicia com 61,5% de pessoas ocupadas formalmente e finaliza com 61% de pessoas ocupadas formalmente.

O curso de Ciências Contábeis da UFSC diminuiu o número de vagas nessa década, apresentando nesse período maior homogeneidade na ocupação de vagas por gênero. A seguir, apresenta-se, em detalhe, tal informação na tabulação dos dados correspondentes a esse período:

Tabela 5- Ingressos no curso por gênero - Anos 90

ANO	INGRESSOS FEMININOS		INGRESSOS MASCULINO	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
1990	45	24	37	65
1991	41	28	50	63
1992	51	31	40	74
1993	54	13	37	32
1994	39	26	53	65
1995	50	36	43	62
1996	30	18	18	30
1997	28	3	15	3
1998	22	17	19	25
1999	35	31	49	64
TOTAL	395	227	361	483

Fonte: Adaptado do NPD (2003)

As mulheres, no total do período, representam 42,43% de ingressos no curso, contra 57,57% dos homens. A diminuição das diferenças entre os gêneros pode ser melhor observada através da evolução desses índices ao longo da década, no gráfico a seguir:

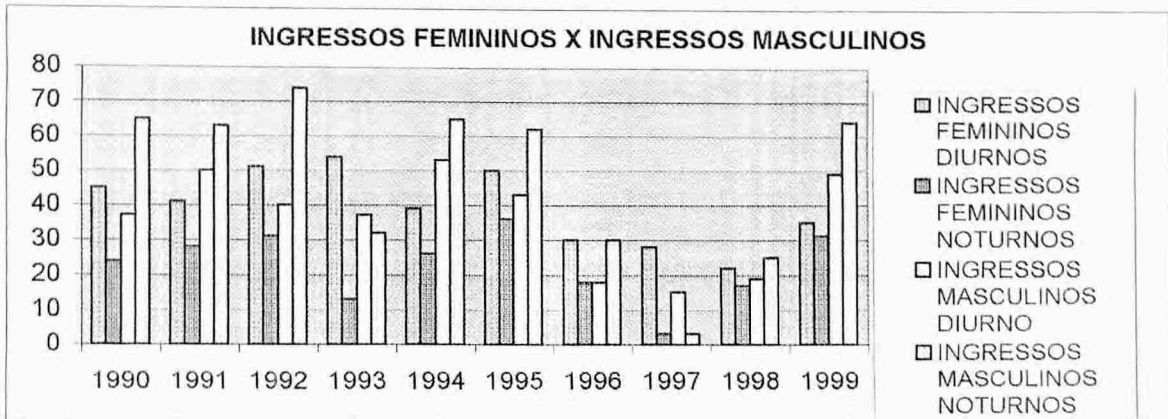


Gráfico 9 - Comparação histórica dos ingressos no curso por gênero – Anos 90

As mulheres estudantes da década de 90 possuem características bem diferentes daquelas mulheres das duas décadas anteriores. A mais facilmente identificável é o uso intensivo da sua liberdade de expressão.

Ou seja, as mulheres nessa década fazem questão de expressar abertamente suas opções políticas, sexuais e profissionais, sem medo de sofrer nenhuma forma de represália ou discriminação por parte do governo ou da sociedade.

Adicionalmente, as mulheres passaram a ser respeitadas como um importante mercado consumidor, sendo este muito ativo e ao mesmo tempo exigente, assim como aumentou sua inserção no mercado de trabalho em cargos de chefia e de confiança, participando de diretorias de várias empresas importantes, tendo muito mais voz ativa e ampla representatividade.

Observa-se, desta forma, que as mulheres que atualmente ocupam as cadeiras de estudantes universitárias são um reflexo positivo da luta daquelas que as antecederam.

Em outra ordem de idéias, dados do IBGE dessa década evidenciam que o perfil educacional da População Economicamente Ativa feminina é melhor do que o

da População Economicamente Ativa masculina, independente do local de residência. Enquanto as mulheres têm 6,8 anos de estudo, entre os homens esta média é de 5,9 anos.

A busca da mulher por melhor formação acadêmica é algo comum, sendo sua evidenciação muito significativa. Esse fenômeno vai apagando, aos poucos, idéias antigas sobre a função da mulher na sociedade: "lugar de mulher é em casa". Na década de 90, substitui-se por "lugar de mulher é na escola".

Observa-se, também, a partir da década de 90, uma forte preferência nos escritórios de contabilidade de Florianópolis pela contratação de mulheres. O número de mulheres formadas no curso de Ciência Contábeis na década de 90 reflete essas realidades aqui expostas.

A homogeneidade na participação por gêneros no curso de Ciências Contábeis é constantemente maior, diminuindo-se paulatinamente as diferenças ao longo do tempo, como pode se observar na tabulação dos dados correspondentes ao período de 1990 a 1999, exposta a seguir:

Tabela 6 - Egressos do curso por gênero - Anos 90

ANO	FORMADOS FEMININOS		FORMADOS MASCULINOS	
	DIURNO	NOTURNO	DIURNO	NOTURNO
1990	33	18	29	45
1991	14	11	23	27
1992	12	5	18	40
1993	17	5	19	7
1994	21	20	18	30
1995	49	19	23	28
1996	25	9	20	22
1997	28	9	26	39
1998	32	16	35	18
1999	24	24	17	30
TOTAL	255	136	228	286

Fonte: Adaptado do NPD (2003)

Pode-se concluir que com o ingresso maior de mulheres no curso na década de 90 também mostrou crescimento de formandos mulheres passando de 27,07% na década de 80, para 43,20%, nos anos 90, acarretando a diminuição da participação do homem, de 72,93%, na década de 80, para 56,79%, nos anos 90.

A evolução histórica da comparação entre gêneros de egressos ao longo da década de 90 pode ser melhor visualizada no gráfico a seguir:

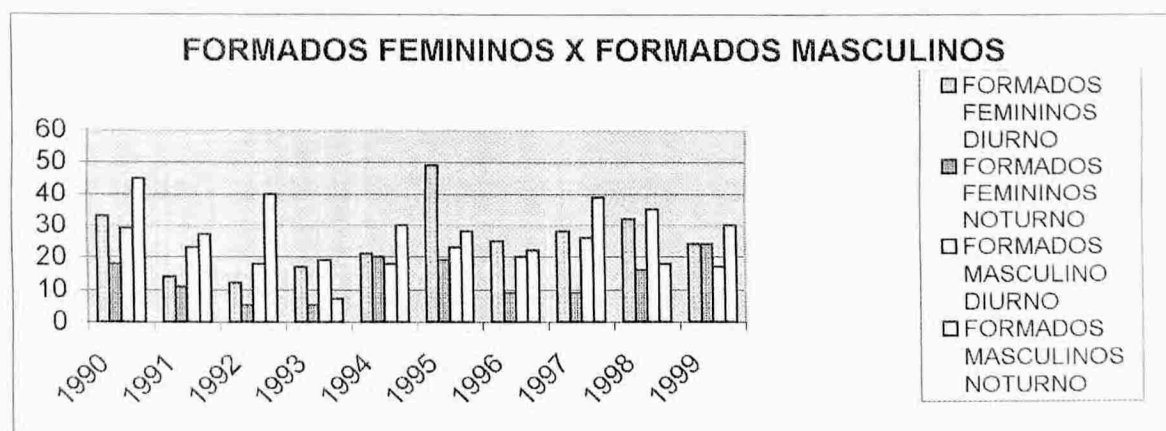


Gráfico 10 - Comparação histórica dos egressos no curso por gênero – Anos 90

3.3.4. Período de 2000 a 2002

De acordo com o IBGE, no período de 2000 a 2002, mais de 70% das mulheres economicamente ativas estão trabalhando no setor de serviços, o que reflete enorme crescimento em relação ao ano de 1991, quando a taxa de ocupação feminina foi de 48,9%.

Durante os três primeiros anos da década corrente (2000-2002) tem-se mantido a taxa de ingressos por gênero, mais ou menos uniforme, com uma leve superioridade das mulheres comparada com os últimos anos da década de 90.

Expressa-se através do quadro abaixo os resultados do período em questão, sobre os ingressos no curso por gênero:

Tabela 7 - Ingressos no curso por gênero - Anos 2000-2002

PERÍODOS INGRESSOS	2000 - 2002 DIURNO	2000 - 2002 NOTURNO
INGRESSOS FEMININOS	158	115
INGRESSOS MASCULINOS	125	134
TOTAIS DE ALUNOS	283	249

Fonte: Adaptado do NPD (2003)

São 51,32% de mulheres que ingressaram neste período contra 48,68% de homens. Apesar de ser uma pequena diferença, a superioridade revelada da participação feminina no curso é um fato possivelmente nunca imaginado nos anos 70.

A seguir, apresentam-se os valores tabulados referentes aos egressos do curso por gênero, durante o período de 2000-2002:

Tabela 8 - Egressos do curso por gênero - Anos 2000-2002

PERÍODOS FORMADOS	2000 - 2002 DIURNO	2000 - 2002 NOTURNO
FORMADOS FEMININO	66	54
FORMADOS MASCULINOS	41	67
TOTAIS DE ALUNOS	107	121

Fonte: Adaptado do NPD (2003)

A proporção de mulheres egressas do curso nesse período representa 52,63% enquanto que os egressos homens representam 47,37% do total no mesmo período, acompanhando a tendência dos ingressos antes explicitados.

4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Foi grande a dificuldade de encontrar material para o desenvolvimento da pesquisa, consultou-se a biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina, do Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, da Faculdade Estácio de Sá, dentre as bibliotecas virtuais do Conselho Federal de Contabilidade e da Universidade de São Paulo.

Verificou-se que são escassos os estudos referentes a este tema. Uma observação adicional é a percepção da pouca bibliografia da área feita por mulheres ou para mulheres.

Conseguiu-se, porém, bastante colaboração destes órgãos mencionados como das pessoas destacadas para as pesquisas informais realizadas pela autora sendo que somente não houve sucesso na tentativa de realizar a pesquisa com a contadora e ex-professora Sandra Shang.

Destaca-se a colaboração especial dada pelo Núcleo de Processamento de Dados que forneceu gentilmente as informações para a realização da pesquisa. Pesquisa esta que constata o crescimento da procura por mulheres pelo curso de Ciências Contábeis da UFSC, dados estes que refletem a postura da sociedade e a relação de ocupação econômica da mulher no país nos três diferentes períodos.

Na década de 70, ainda o município possuía forte influência conservadora em relação à formação da mulher, ou seja, normal neste período era a procura pela formação de professora, ou enfermeira, neste período era bem pequeno o número de mulheres que procuraram a formação de contadora.

Nacionalmente das mulheres economicamente ativas, pouco menos de 0,28% exercia a profissão contábil na década de 70, sendo o restante do mercado ocupado por homens.

Este quadro começa a mudar a partir do fim de 70 e início dos anos 80 com o crescimento das áreas urbanas no país, através da procura dos jovens em geral por melhores condições de vida e emprego, tendo com isso a necessidade de uma melhor formação.

Infelizmente através de pesquisa informal levantada observa-se que neste período na região em geral tinha melhor oportunidade de instrução as famílias com melhor situação de renda, pois como já relatado o custo era alto para manter um filho estudando na capital.

Mesmo assim, observa-se que grande foi o crescimento de mulheres procurando o curso de Ciências Contábeis neste período, tanto nos períodos diurno como noturno, que afirma a intenção das mulheres em trabalhar de dia e estudar à noite para ajudar a custear os estudos.

Para reforçar a condição de que as mulheres estão mais economicamente ativas expõe-se o dado do IBGE, que relata uma participação no mercado economicamente ativo que passa, de 31,20% em 1981 para 35,60%, em 1990.

Na década de 90 as mulheres ainda não são maioria no curso de Ciências Contábeis da UFSC, mas, são 42,43% dos ingressos da década contra 57,57% dos homens.

Algo que expressa a mudança de visão das mulheres em relação ao curso, ou seja, acredita-se que na década de 70 por influência de aspectos culturais e econômicos as mulheres tenderam a ser minoria na procura pela formação, porém,

na década de 90, onde a mulher é visivelmente não somente gestora do lar, mas também de escolas, fábricas, e estabelecimentos empresariais em geral, verifica-se que a formação de Ciências Contábeis para melhor inserção e desenvolvimento do mercado de trabalho é como já expresso bastante procurado.

Hoje em decorrência de todos esses fatos, observa-se um equilíbrio entre o número de ingressos masculinos e femininos, com uma forte crença pessoal de que se torne uma tendência, as mulheres se tornarem grande maioria do curso.

Cabe destacar uma observação comentada pelo Prof. Silvio Lehmkuhl Meyer, em entrevista realizada pela autora: "O ingresso em maior proporção das mulheres no curso de Ciências Contábeis contribuiu para o rápido aumento do nível do curso, assim como da própria evolução qualitativa desse, devido, provavelmente, à característica de a mulher ser mais crítica e exigente do que o homem".

Os resultados desta pesquisa são importantes, não somente do ponto de vista histórico ou acadêmico, mas também como fenômeno social relevante, já que, a partir dela podem propiciar futuras pesquisas que visem análises mais profundas com o intuito de se traçarem estratégias específicas para a transformação do curso através da otimização do uso do potencial feminino e na construção do moderno perfil do profissional contábil do século XXI, que se vislumbra a partir dessa atual realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Lucia. **Como elaborar monografias**. 3.ed. Belém, CEJUP, 1992.
- AMORIM, Lourival Pereira. **A evolução histórica dos cursos de contabilidade em Santa Catarina**. Florianópolis: CRCSC, 1999.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de; MOURA, Bernardete; AIETA, Luiza Siciliano. **Fazendo a historia**: da pré-história ao mundo feudal. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de, e LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas, 7. ed. Petrópolis: vozes, 1998.
- BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.
- BRUSCHINI, Cristina. **Mulher e trabalho**: uma avaliação da década da mulher. São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Perfil do contabilista brasileiro**. Brasília: CFC, 1996.
- CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Entrevista com Carmem Barbosa. In: **Jornal do CFC**, Num. 57, fev. 2003.
- FREEMAN, Charles. **Secretos de los griegos**. Madrid: Libsa, 2001.
- HAYWOOD, John. **Secretos de los romanos**. Madrid: Libsa, 2001.
- HENDRIKSEN, Eldon S.; BREDA, Michael F. Van. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1999.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, DIRETORIA DE PESQUISAS. **Censo 1970**. Rio de Janeiro: IBGE.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, DIRETORIA DE PESQUISAS. **Indicadores sociais**: uma análise da década de 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, DIRETORIA DE PESQUISAS. **Síntese de indicadores sociais 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Informação Demográfica e Socioeconômica, Num. 5.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais 2002**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível na Internet em: <http://www1.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 jun. 2003.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. O trabalho monográfico como iniciação à pesquisa científica. In: CARVALHO, Cecília M. de. **Construindo o saber – metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1989.

PETTER, Marlene Inês. **Análise da participação da mulher no mercado de trabalho e sua importância e contribuição na renda familiar brasileira**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1993.

SCHMIDT, Paulo. **História do pensamento contábil**. Porto Alegre: Bookman, 2000.